

Produção e consumo cultural

de CORREIA DE SOUSA

11

Ao aludirmos à falta de método cultural, não pretendemos, de modo algum, salientar os males reinantes entre nós, esquecendo a miséria, em métodos, existente além fronteiras.

Sabemos não existir em parte alguma do mundo, os serviços culturais organizados tal como é desejável, pois certos estamos de que a cultura não logrará preencher o seu importante fim social sem que os povos conquistem a sua independência económica e evoluam, de um modo geral, para um arranjo de vida colectiva em que as ciências sejam a lei humanamente reguladora da criação, repartição e consumo de tudo quanto seja útil à sua progressiva e harmónica existência.

A falta de método que entre nós verificamos, constatamo-lo também fora de Portugal, tanto através de várias revistas, jornais e catálogos, como entre parêdes de algumas bibliotecas e centros culturais que visitamos, onde notamos, é certo, um à-vontade diferente, menos rigôr de formalidades, menos desconfiança, mais familiaridade, mais facilidades de acesso e melhor organização.

Poderão dizer-nos que, tanto lá fora como em Portugal, o método que preside à elaboração dos catálogos é o mais prático e útil no agrupamento de livros segundo a natureza do seu conteúdo ou nomes dos autores e com os títulos e subtítulos correspondentes ao ramo de cultura, mas nós não deixaremos de notar a falta duma publicação especial, que nesses estabelecimentos estaria patente a cada frequentador e lhe seria fornecido gratuitamente ou pelo mais baixo preço possível, publicação que, convenientemente organizada, servisse ao leitor para ajuizar da largueza e profundidade das matérias e factos expostos nos livros, messa publicação em correspondência aos vários graus de cultura de quem necessite tê-los ou simplesmente consultá-los.

Sucede ainda que os mesmos assuntos ou ramos de ciência tratados por autores diferentes e aprofundando igualmente o que tratam, podem, para uma boa compreensão, exigir graus de cultura diferentes em consequência da linguagem e imagens, etc., a que os autores recorrem. Max Nettlau, R. Rocker, Han Ry-

ner, Zweig, etc., tratam com profundidade assuntos históricos, artísticos, filosóficos e literários que, tratados por outros autores, exigem uma cultura mais vasta aos leitores. Dizem o mesmo e possivelmente mais, mas a sua forma expositiva é de tal maneira clara e simples que permite assimilar 100 % daquilo que, tratado por muitos outros autores, em igual grau de cultura, não assimilaria mais de 50 %.

A responsabilidade dos estabelecimentos culturais é grande. A sua acção cultural deve partir do conhecimento das obras que têm, saberem a que grau de cultura correspondem e terem uma organização geral de modo a facilitar, sem perda de tempo e sem dúvidas, o proveito que o leitor necessita tirar das obras que lê.

Quanto a jornais e revistas culturais e técnicas, em muitos países como no nosso, essas publicações saem dos prelos com um único endereço e uma única instrução: o custo do preço indicado.

Os indivíduos economicamente mais possibilitados, ou que de algum modo mais favorecidos podem seguir os cursos oficiais superiores ou proseguirem como autodidatas até adquirirem uma cultura mais vasta e especializada, não podem, pela vida fora, considerar suficientes os conhecimentos adquiridos nas publicações especialmente culturais, quer por necessidade simplesmente recreativa do espírito quer por que uma parte da soma dos conhecimentos que formaram a sua contextura intelectual se vai apagando da memória, mais rápido vindo a sua capacidade reduzida se a outro meio não recorressem para preencher as lacunas do tempo, da idade e outros factores de poderosa influência na redução do expoente da riqueza cultural adquirida.

Recorrem à literatura, que na sua variada natureza, segundo os conhecimentos, simpatias, preferências e poder de imaginação dos autores, lhes aviva na memória o que estudaram na História, Geografia, Sociologia, Ciências Naturais, etc., etc., ao passo que vão acompanhando os progressos nos jornais e revistas

Seria um apreciável recurso do trabalhador se o preço estivesse em harmonia com as suas possibilidades materiais e se o tempo de que ele dispõe lhe permitisse ler 99 %

mais, do que habitualmente lê, para ler o que necessita.

As dificuldades de instrução e cultura acompanham o indivíduo pela vida fora. Pequeno ainda, mal podendo mover os instrumentos do ofício, o pai, constrangido pelas condições de vida, obriga-o a auxiliá-lo. Necessita da sua ajuda. Nenhuma ou pouca instrução, constituiria família e, sem a noção de responsabilidade (no multiplicar-se e sem atender às possibilidades de tomar tão grandes encargos, fez da companheira uma máquina de produção humana, escravizando-a no heroísmo maternal de dar à luz e criar filhos em série. São dois, quatro, seis, dez e mais os entezitos que ela cria com tanto carinho, com a sorte dos quais tanto se preocupa.

A sociedade tomará conta deles. Como o pai, como a mãe, eles irão constituir família, cometer os mesmos erros, tomar as mesmas responsabilidades a que a sociedade que os recebe e do seu labor se utiliza obrigara os pais. A sociedade impõe ao indivíduo, como dever sagrado, que os seus braços sejam o amparo dos filhos e de todos os que, pelo seu grau de parentesco, idade ou estado de saúde, são considerados a seu cargo. Sejam dez ou trinta braços a cargo de dois, pouco importa às leis morais e jurídicas da sociedade.

Os conhecimentos poderiam tornar-lhe a vida mais suave, mais humana. Não aprendeu ou aprendeu pouco. Se conseguiu passar de analfabeto, a preço de muitas dificuldades e sacrifícios, e tem vontade de proseguir, não lhe restam recursos. O tempo também lhe falta. Tem um horário para começar e suspender a sua actividade. O tempo intermédio, durante o dia, é para as refeições e para repousar um pouco, se o patrão não abusa da lei. De noite, nem sempre conta com o tempo livre. Os encargos são tantos que não dispensam qualquer ocupação, e julga-se feliz se a consegue, se trabalha sempre. Se sucede estar desempregado, pior um pouco. A imprensa, só a de cultura lhe poderia interessar. Interessa-lhe ler livros, possui-os. Como?

A taberna e o café, como a vida é pesada, fastidiosa, são o refúgio de muitos que nem estão bem em casa nem na rua; é quasi por instinto que aí se narcotiza o tempo. Muitas vezes falam animadamen-

te. Parecem, alegres e satisfeitos. Sorriem, discutem. Aí permanecem. Não há espaço ou ângulo que não meçam, não entra lá cara que não conheçam. Todos lá iriam parar de olhos vendados. São quasi sempre os mesmos.

Por vezes ali se encontram indivíduos com apreciáveis conhecimentos. Se penetrassemos no intimo de todas essas almas, cada uma nos segredaria a sua tragédia. E se lhes dissessemos que todas essas tragédias estão escritas, até os ébrios nos perguntariam onde se manifestariam desejos de se verem a um espelho diferente. Todos nos acompanhariam para verem como haviam sido fotografados, desenhados, pintados, esculpados, sem o saberem e por quem não conheceram nunca.

Todo o indivíduo tem desejo de conhecer o que ignora. A questão está nas possibilidades de cultivar o espírito e na humanidade da arte de quem desperta essa curiosidade, esse desejo. A pedagogia prepara, a cultura completa o ser humano. Mas aquela prepara como prepara e até onde prepara, como esta completa como completa e até onde completa.

Um autor produz vinte, cinquenta e mais volumes e no entanto há milhares de operários que lhe não leram nem vinte letras. Não leram uma letra de vinte, cem, mil, etc., autores. Nem esses que numa só página retratam a humanidade inteira na sua vida aflitiva.

O recurso à literatura exige também recursos. E nesta e noutras publicações da especialidade, a cultura exige possibilidades materiais, horário de trabalho consentâneo, preparação, e uma organização cultural metódica e eficiente por forma a que a produção cultural tenha um amplo consumo, tão amplo como é necessário, tanto mais que essa produção não pode, por todas as razões, deixar de ser considerada património social.

Mundialmente se entoam hinos à Civilização. Com os Estados à frente, as super estruturas sociais dominantes em todo o mundo velam por ela, com a Mecânica e a Química, como relicário dos séculos, não se vendo, ao passo que se afirma, que ela não é mais do que o desdobramento dos tempos pré-históricos. Os povos, em todo o mundo sempre aflitos, convulsionados,

(Continua na página seguinte)